

Roda de conversa: Diálogos em torno do Movimento Estudantil na Educação Profissional e Tecnológica

Jêniffer Fernanda Reis Galdiano¹, Rodrigo Palucci Pantoni²

Resumo

A roda de conversa foi concebida como produto educacional durante uma pesquisa sobre o Movimento Estudantil na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e escolhida como proposta de produto educacional, porque valoriza as experiências e constrói conhecimentos a partir da observação crítica da realidade em que os sujeitos participantes estão inseridos por meio do diálogo, contribuindo para uma educação crítica e emancipadora. A coleta de dados se deu por meio de observação, entrevistas, escritos produzidos pelos gremistas e questionário. A análise dos dados foi feita numa perspectiva temática. O produto educacional é um roteiro para a roda de conversa denominada “Expressões do Movimento Estudantil Secundarista”. A proposta visou promover a construção e a reconstrução de significados entre os participantes em torno do Movimento Estudantil. Como resultado, constatou-se que os jovens o valorizam como um espaço educativo e de diálogo, capaz de contribuir para a escola e para a formação crítica.

Palavras-chave

Ensino Médio Integrado. Participação. Movimento Estudantil.

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Sertãozinho, Brasil; técnica administrativa da mesma instituição E-mail: jenifferreis@ifsp.edu.br.

² Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo, Brasil; professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Sertãozinho, Brasil. E-mail: rpantoni@ifsp.edu.br.

Conversation circle: Dialogues about the Student Movement in Technical Education

Jêniffer Fernanda Reis Galdiano³, Rodrigo Palucci Pantoni⁴

Abstract

The conversation circle was designed as an educational product during a research project on the Student Movement in Technical Education. It was chosen as an educational product proposal because it values experiences and constructs knowledge through critical observation of the reality in which participating individuals are inserted through dialogue, contributing to a critical and emancipatory education. Data collection that served as the basis for the educational product was carried out through observation, interviews, writings produced by student union members, and questionnaires. Data analysis was done from a thematic perspective. The educational product is a guide for the conversation circle titled “Expressions of the High School Student Movement. The proposal aimed to promote the construction and reconstruction of meanings among participants regarding the Student Movement. As a result, it was found that young people value it as an educational and dialogue space capable of contributing to school and critical formation.

Keywords

Technical Courses Integrated to High School. Participation. Secondary Student Movement.

³ Master in Professional and Technological Education, Federal Institute of Science and Technology Education of São Paulo, Campus Sertãozinho, State of São Paulo, Brazil; administrative technician from the same institution. E-mail: jenifferreis@ifsp.edu.br.

⁴ PhD in Electrical Engineering, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo, Campus Sertãozinho, State of São Paulo, Brazil. E-mail: rpantoni@ifsp.edu.br.

Introdução

Este trabalho emergiu a partir de observações ao longo dos anos da atuação do Grêmio Estudantil do campus Sertãozinho, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) quanto à formação dos alunos participantes dessa entidade.

Os Institutos Federais foram criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, na intenção de levar a educação profissional e tecnológica a jovens e adultos, principalmente da classe trabalhadora, entendendo a educação como política social capaz de emancipar (PACHECO, 2015). Essa emancipação se daria por meio de uma formação omnilateral⁵, na qual o ser humano seria formado na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica (CIAVATTA, 2012).

Por outro lado, em relação ao Movimento Estudantil (ME), Foracchi (2018) aponta para três ordens de fatores: a problemática da juventude, a reprodução da estrutura social pelas instituições de ensino e o mundo do trabalho. Em sua análise, é possível perceber o quanto a contestação do que está posto à juventude converge para o surgimento do ME. Ela começa dizendo que “a juventude representa a categoria social sobre a qual inflete, de modo particular, a crise do sistema” (FORACCHI, 2018, p. 15), e que ao jovem é dada uma condição social, que, sendo histórica, é transitória, e nela ele precisa investir suas perspectivas de sobrevivência. No Brasil, que condição social é essa e quais as perspectivas de produção da vida material (leia sobrevivência) que o jovem possui diante da crise econômica e política, do desemprego, da degradação do meio ambiente, do sucateamento da educação pública, entre outras questões?

Quanto à reprodução da estrutura social pelas instituições de ensino, na conjuntura autoritária da sociedade, a passividade atribuída ao sujeito no processo pedagógico é intencional e histórica. A submissão ao autoritarismo começa na educação dada pelos pais, é reforçada no processo pedagógico (FREIRE, 2017) e se consolida nas relações de trabalho. Dentro dessa conjuntura, o ideário da classe dirigente estabelece que a ordem e o progresso só poderão ser alcançados com disciplina, imposta por força, em uma relação de poder – econômico e cultural.

Os reflexos desse ideário podem ser facilmente observados nas relações dentro da escola. Ao olhar para a escola, percebe-se uma estrutura verticalizada de ensino, em que o estudante é figura passiva em todo processo pedagógico. Paulo Freire (2017) descreve esse tipo

⁵ Formação omnilateral: proposta de educação que reconhece a dimensão pedagógica do trabalho e sua vinculação ao mundo do trabalho e à prática social (KUENZER, 2007). Segundo Ramos (2010), remonta ao ideário da politecnia, no qual a educação básica considera a relação entre o conhecimento e a prática do trabalho, propiciando aos sujeitos o domínio dos fundamentos científicos e tecnológicos das técnicas de produção, visando o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas.

de educação como “educação bancária”, em que o processo de ensino da escola se torna um ato de depositar.

Fora do ambiente escolar, muitos jovens precisam ingressar precocemente no mundo do trabalho. Antunes confirma que esse ingresso precoce submete os jovens a condições ainda mais precárias de trabalho, que são aceitas pela necessidade de uma fonte de renda para ter condições mínimas de sobrevivência e, raramente, acesso ao lazer e à cultura. Segundo Dayrell (2007, p. 1109), “grande parte dos jovens somente consegue vivenciar sua condição [juvenil] porque trabalham, garantindo recursos parcos para o namoro, lazer, cinema, consumo”.

Dado o contexto exposto, o ME tem um papel importante ao, primeiramente, reivindicar para si a oportunidade de representar os interesses de seus pares, lutando pela existência de espaços de participação, como conselhos, órgãos colegiados e as condições próprias para sua organização e atuação. Posteriormente, se apropriando dos espaços fora da sala de aula para promover atividades de formação, com vistas a romper com a posição verticalizada entre professor-estudante, tornando a escola mais acolhedora, já que para alguns o esquema de aula tradicional pode representar uma violência simbólica, inibindo a participação dos estudantes.

Ao buscar colaborar para uma educação emancipadora, crítica e que incentive a participação popular na escola, optou-se por trabalhar-se com o ME dentro de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica, entendendo que esse movimento reforça a importância das associações civis em busca de interesses coletivos, interesses intrínsecos aos da sociedade como um todo, uma vez que, segundo Martins (2018), os anseios de transformação social dos jovens estudantes correspondem aos de emancipação da classe trabalhadora.

A contribuição deste trabalho é original e inédita, uma vez que há escassez de trabalhos aplicados, assim como pesquisas que busquem praticar a escuta ativa nas manifestações dos estudantes.

Percurso metodológico

A coleta de dados aconteceu em três momentos. O primeiro momento, nomeado “fase exploratória”, visou subsidiar a elaboração do produto educacional, na qual associou-se a pesquisa bibliográfica às entrevistas semiestruturadas feitas com os estudantes gremistas. Optou-se pela entrevista semiestruturada pois ela permite o aprofundamento de pontos específicos que podem surgir ao longo da pesquisa ou da entrevista. Esse tipo de entrevista “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o

entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). No segundo momento, a coleta de dados aconteceu durante a aplicação do produto educacional, por meio dos registros textuais feitos pelos participantes. O objetivo era conhecer quais sentidos os participantes gremistas atribuíam aos temas, enquanto o terceiro momento da coleta se deu após a aplicação do produto educacional, por meio de questionário semiaberto, visando sua avaliação pelos usuários (participantes).

Durante toda a pesquisa foi adotada como ferramenta a observação, e os registros foram feitos no diário de campo. Ela permite ao pesquisador “obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO *et al.*, 2002, p. 59). Essa forma de coleta de dados corresponde a amplitude do estudo qualitativo. A observação foi adotada porque é uma das formas mais utilizadas em pesquisas de campo com o ME, conforme Dayrell (2007); Martins (2010); Mendes (2011).

Para verificação dos dados optou-se pela análise de conteúdo. Na análise de conteúdo, as estruturas semânticas são relacionadas ao contexto histórico e social, para, a partir dessa relação, inferir respostas para as questões da pesquisa. Assim, a análise de conteúdo “articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem” (MINAYO, 1993, p. 203).

Como técnica de verificação de conteúdo optou-se pela análise temática. Para Minayo (1993, p. 209), “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

Segundo Minayo (1993), a análise temática se divide em três momentos: 1) A pré-análise, em que ocorre a leitura flutuante e a organização do material. Definem-se as unidades de registro que, segundo Minayo (2003), podem ser constituídas por palavras-chave ou frases, ou ainda um tema, que se caracterizam como núcleos de sentido. Optamos, neste estudo, por categorizá-las como temas. Também se definem as unidades de contexto, que Minayo (1993, p. 210) apresenta como “a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro”, que neste estudo foram identificadas como determinação histórica; 2) A exploração do material, em que se classifica e agrega os dados, escolhendo categorias teóricas que comandarão a especificação dos temas; e 3) O tratamento e a interpretação dos resultados com base nas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material.

Vale ressaltar que, segundo Minayo (1993), a análise temática pode ter um viés mais positivista, priorizando dados estatísticos, ou pode priorizar o trabalho com significados. Optamos pela segunda opção, não descartando, porém, os significados que a repetição ou a frequência de um tema representa.

Os sujeitos que participaram da roda de conversa são os gremistas do Ensino Médio Integrado do campus Sertãozinho do IFSP. Um fato importante a apresentar é que a maioria dos estudantes dos cursos de nível médio do IFSP Sertãozinho provém das camadas populares.

O perfil econômico desses sujeitos com base na renda familiar per capita está na faixa de até 1,5 salário-mínimo por pessoa (PLATAFORMA NILO PEÇANHA, 2020), considerando que 95% dos estudantes declararam a renda. Assim, é possível perceber que essa instituição tem alcançado, de fato, os filhos da classe que vive do trabalho, atingindo o previsto no projeto político pedagógico, que é levar a eles uma educação de qualidade.

Os cursos técnicos integrados ao ensino médio, especificamente, contavam com 318 estudantes matriculados em 2019, sendo frequentados majoritariamente por jovens em idade escolar regular, entre 15 e 19 anos. Mais detalhes da caracterização dos sujeitos da pesquisa serão dados na análise de dados das entrevistas.

Ressalta-se que, em virtude da pesquisa envolvendo seres humanos, este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em 3 de setembro de 2019, com o número do parecer 3.551.128.

Produto educacional

Buscando-se uma forma de construção coletiva de conhecimento que pudesse compreender a essência do projeto, o produto educacional elaborado foi um roteiro para uma roda de conversa, que consiste “em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo” (MOURA; LIMA, 2014, p. 28). Como proposta de ensino-aprendizagem, “permitem a ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e argumentos pela escuta e pelo diálogo com os pares e consigo mesmo” (MOURA; LIMA, 2014, p. 28).

Para criar a proposta de roda de conversa, buscou-se inspiração nos círculos de cultura de Paulo Freire. Os círculos de cultura fazem parte do método de alfabetização de Paulo Freire (2017). A intenção deles é reunir pessoas que compartilham um “mundo” em comum, pessoas

que vivenciam experiências parecidas em uma comunidade. A posição das pessoas em círculo é intencional e visa destituir o ambiente de todo tipo de verticalidade ou posição autoritária. Seguindo o mesmo propósito, o professor se coloca na posição de mediador durante a conversa, incentivando e provocando as discussões e, ao mesmo tempo, absorvendo e aprendendo com as falas dos participantes. Partindo daquilo que os constituem como coletivo, a conversa é promovida buscando-se discutir temas centrais da vida dessas pessoas em comunidade e, a partir desses temas, destacar palavras centrais, que serão chamadas de palavras geradoras. A composição silábica das palavras geradoras é aproveitada como base para formação de novas palavras, promovendo uma aprendizagem significativa para quem está sendo alfabetizado.

A essência dos círculos de cultura e os preceitos base do método pedagógico deles foram aproveitados na concepção do produto educacional, adaptando seus preceitos à proposta da roda de conversa, que claramente não tem o objetivo de alfabetizar, mas incentivar esses jovens a observarem a realidade em que estão inseridos, objetivando-a e, a partir daí, discutir experiências comuns para criar e recriar significados aos temas relevantes que, juntos, dialogando e se inter-relacionando, constituem as práticas do movimento estudantil.

A proposta aponta para ideias progressistas, comprometidas com a participação democrática da classe trabalhadora na constituição do projeto de educação. A roda de conversa deve ser mediada de forma a valorizar a participação crítica dos sujeitos, bem como a discussão dos participantes enquanto coletivo, entendendo “que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, mas também no processo de construção do conhecimento” (MOITA; ANDRADE, 2006).

Elaboração do produto educacional

A autonomia do ME precisa ser respeitada, e essa foi uma preocupação constante na construção do produto educacional. Assim, justifica-se a escolha dos temas, não na tentativa de formatar um grêmio, mas com o objetivo de que a roda de conversa possa promover reflexões acerca de temas fundamentais, de forma que os estudantes sejam capazes de construir, juntos e pelo diálogo, suas concepções de grêmio e ME.

Os temas abordados foram escolhidos de acordo com as categorias encontradas durante a pesquisa bibliográfica, alinhadas ao levantamento de dados feito nas entrevistas pré-produto, tendo em vista discutir alguns elementos que constituem o Movimento Estudantil para compreendê-lo em sua totalidade.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas para conhecer a concepção de grêmio entre os gremistas e quais os significados atribuídos à atividade dentro do ME, assim como conhecer um pouco de suas relações no âmbito do cotidiano escolar. Os dados das entrevistas foram associados ao referencial teórico para destacar as temáticas a serem desenvolvidas na roda de conversa.

As categorias Juventude, Educação e Cultura foram abordadas para que promovessem entre os participantes reflexões da posição que eles ocupam na sociedade e no ambiente escolar, percebendo-se enquanto indivíduos nas suas diferenças, mas, acima disso, percebendo-se como coletivo diante dos seus vários interesses comuns.

A categoria Trabalho foi aludida entendendo-se que as relações sujeito/sociedade, mediadas pelo trabalho numa sociedade de classes, vão contribuir para o surgimento de pautas do ME. Compreender quem são e conversar sobre as demandas que eles têm em comum pode ajudá-los a entender as próprias pautas do ME, uma vez que essas pautas têm ligação direta com aquilo que são e precisam. Também é importante considerar o aspecto de movimento contra hegemônico, que, ameaçando a estrutura de dominação do capital, será alvo de ataques e resistência por parte daqueles interessados na manutenção do *status quo*, podendo ser espaço coletivo de apoio às reivindicações da classe trabalhadora. Entender essas relações também pode ajudá-los a expandir suas pautas para além dos muros da escola.

O processo de aprendizagem foi inspirado nos Círculos de Cultura de Paulo Freire e propõe-se, primeiro, a refletir sobre a prática social. Em seguida, problematizá-la, e incentivar a discussão incluindo alguns elementos teóricos consolidados, para que se facilite a incorporação de novos conhecimentos.

Refletir sobre a prática social inicial foi o primeiro passo do processo. Segundo Araújo (2009, p. 356), “a prática social inicial implica em conhecer a experiência de cada aluno, sua memória e seu saber prático”. Por isso, em um primeiro momento foi sugerida uma reflexão sobre o tema Juventude e Sociedade, a partir da música “Não é Sério”⁶. Depois da apresentação, foi aberto um espaço para que os participantes expusessem quais relações conseguem fazer entre juventude, sociedade e a realidade deles, atrelando tudo isso às problemáticas citadas na letra da música.

O segundo passo foi a problematização, incentivando a discussão dos principais problemas postos pela prática social e, o terceiro, foi criar condições para o estudante apropriar-

⁶ CHORÃO. Não é sério. Virgin Records: 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n9i2Y-aJy0>. Acesso em: 3 nov. 2019.

se de alguns instrumentos teóricos necessários para equacionar esses problemas a partir da apresentação de alguns conceitos sistemáticos, tudo de forma breve. O passo seguinte foi a incorporação dos instrumentos culturais, dos novos conhecimentos.

Com o produto educacional espera-se: 1) Promover a construção e a reconstrução de sentidos entre os participantes em torno das temáticas do ME secundarista, a partir da discussão de elementos relevantes, em um processo dialógico no qual os estudantes possam dialogar as temáticas propostas com suas vivências e saberes prévios e ainda fazer relações com a sociedade e as práticas sociais; 2) Conhecer as expressões do ME a partir das perspectivas expressadas pelos mesmos durante a roda de conversa, colaborando, ainda, no contexto da pesquisa acadêmica, para uma melhor compreensão do ME

O material se divide em duas partes: o material de apoio ao mediador e o roteiro para roda de conversa Expressões do ME Secundarista⁷. O material de apoio ao mediador é um material textual, no formato digital em PDF - *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento), que visa apresentar o roteiro, bem como subsidiar seu uso pelo mediador em aplicações posteriores por diferentes profissionais da área de ensino/educação. Nele constam características, duração, público-alvo, pré-requisitos do público e textos apresentando as temáticas a serem desenvolvidas durante a roda de conversa. O roteiro para roda de conversa Expressões do Movimento Estudantil Secundarista também foi disponibilizado em PDF em um *layout* para apresentação de *slides*. Para a apresentação foi escolhido um estilo colorido e dinâmico, com o objetivo de tornar o material atrativo para os jovens.

Aplicação do produto educacional: roda de conversa

O contato com os estudantes gremistas foi mantido por meio de um grupo de *Whatsapp*, composto por 22 participantes. Desse total, nove compareceram à roda de conversa. A fim de se criar um ambiente acolhedor e informal que favorecesse as interações, assim como uma forma de agradecimento à participação, foi oferecido um café da manhã aos participantes. As cadeiras foram dispostas em círculo, de maneira a permitir a interação na forma de roda de conversa, e no centro da roda foi colocada uma mesa com folhas para anotações e canetas. Foram utilizados o suporte de som e o projetor de tela. As discussões foram iniciadas, com propostas em blocos temáticos, e toda vez que se encerrava um bloco, as respostas eram

⁷ Os dois materiais estão disponíveis como produtos educacionais na EduCapes, no seguinte endereço: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584555>.

recolhidas. Durante a roda de conversa, os estudantes se mostraram à vontade, participaram abertamente, mostrando interesse pela temática. Os diálogos ocorreram tão bem que o tempo previsto se mostrou insuficiente. Assim, para permitir que todos os temas fossem tratados e para otimizar o tempo, foram discutidos os blocos Cultura e Escola e Educação em uma única rodada de conversa. Ao final, os estudantes agradeceram o espaço de diálogo promovido, reconhecendo que foi um momento importante para o enriquecimento de suas experiências de diálogo aberto. Os próprios gremistas não tinham tanto contato entre eles, pois eram de turmas, turnos e cursos diferentes. Assim, agradeceram tanto pela oportunidade de refletir as temáticas como por poderem dialogar com seus colegas de grêmio daquela forma. A roda de conversa durou 3 horas e 30 minutos.

Resultados e Discussão

Pela natureza do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT), que prevê a elaboração, a aplicação e a avaliação do produto educacional, os dados foram levantados em três momentos; por isso, a análise dos dados também será apresentada em três momentos.

Análise dos dados coletados visando subsidiar a elaboração do produto educacional

As primeiras perguntas da entrevista buscavam conhecer o perfil do estudante. A faixa etária dos estudantes gremistas é entre 17 e 19 anos, sendo constituída por estudantes do 3º e do 4º ano do ensino médio integrado. Boa parte dos entrevistados morava longe da escola e usava transporte coletivo. Entre as preocupações, a maior delas é passar no vestibular em uma universidade pública.

Sobre os conhecimentos necessários para um gremista, os entrevistados citam que é importante saber sobre: o mundo, os direitos, a política, a história do ME, os deveres e as normas da escola. Também entendem que é preciso conhecer a comunidade, a escola e os estudantes. Sobre as habilidades, citam: defender direitos, liderança, segurança, proatividade, ser crítico, integrar-se com os estudantes, ter carisma, falar em público, falar com pessoas, ouvir o outro, empatia, entender o outro, lidar com pessoas, saber interpretar informações – e distinguir o que são *fake news* – e ter interesse em participar.

Sobre as aprendizagens e as experiências promovidas pela atuação no grêmio, foram citadas: aprender sobre o ME com o outro mais experiente; retórica; aprender a dialogar; compreender o contexto político e como ele afeta a escola; conhecer a Constituição Federal para organizar atos reivindicativos (cita o artigo quinto); ampliar o contato com outras instituição de ensino, o que expandiu a visão do coletivo estudantil para fora da escola, permitindo ampliar olhares e conhecer a dimensão e a diversidade do ME por meio do contato com estudantes do Brasil inteiro; sensação de pertencimento; perder a timidez; consciência de que a escola pertence aos estudantes; aprender a respeitar o outro pela convivência; respeitar opiniões diferentes; conversar em público; assumir responsabilidades pelo todo; ouvir críticas e experiência para atuação no ME no ensino superior.

Avaliação do produto educacional pelos usuários

Optou-se por avaliar o produto educacional pela perspectiva dos usuários, os estudantes gremistas, segundo Leite (2018, p. 334-335), que sugere a validação participativa de um produto educacional a partir de 5 eixos: atração, compreensão, envolvimento, aceitação e mudança de ação.

De maneira geral, na visão dos usuários, o produto educacional se mostrou atrativo, de fácil compreensão e com linguagem adequada e acessível, sendo capaz de promover reflexões em torno da temática e de práticas associadas a ela. O quadro 1 resume as avaliações dos participantes.

Quadro 1 – Avaliação geral do produto educacional

Aspectos positivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudantes gostaram das temáticas abordadas; ▪ Oportunidade de conversa aberta; ▪ <i>Slides</i> atrativos e que chamam a atenção e evitam que se perca o foco; ▪ Possui uma linguagem fácil de compreender. Mesmo quem não entende muito sobre o ME aproveitará bastante.
Aspectos negativos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alguns textos longos; ▪ O material talvez não possa ser totalmente aproveitado pelos alunos do 1º e 2º ano do Instituto Federal por requerer debates prévios sobre alguns conceitos; ▪ <i>As cores dos slides podem ser chamativas demais.</i>
Sugestões de melhoria	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Um toque mais moderno: mapas mentais e maior interatividade; ▪ Incluir música é uma boa alternativa, assim como memes, GIF e todos esses recursos do dia a dia do jovem que o faça ficar ligado durante a oficina; ▪ Maior aprofundamento sobre o que o ME faz.

Fonte: Os autores (2022).

Avaliação do produto educacional: sentidos atribuídos aos temas pelos participantes da roda de conversa

Foi notável que os estudantes compreendem a forma de ser jovem como diretamente relacionada às condições oferecidas pela sociedade, e que, por isso, haverá nuances e diversidade no conceito de juventude, existindo juventudes. Para eles, a sociedade pode funcionar como uma espécie de molde para os jovens.

Sobre a história do ME, nas quatro notas em que houve registro relacionado, três estudantes disseram que não conheciam a história do Movimento e que seu primeiro contato com o tema havia sido ali na roda de conversa. Na quarta nota, o estudante disse que conheceu a história do ME na primeira assembleia de estudantes que participou, em 2016. Ou seja, das falas registradas, todos os contatos foram dentro da escola, mas fora da sala de aula, se dando em espaços não formais. Tal constatação aponta para a relevância do produto educacional ao se constituir o espaço para abordar essa temática.

Sobre os sentidos atribuídos ao grêmio, compreendem este como espaço educativo, já que associam sua participação no grêmio a “estar atualizado”, “desenvolver o senso crítico” e “fomentar discussões sociais”. Também associam o grêmio às práticas como “ajudar estudantes e escola”, “tornar a escola um ambiente acolhedor”, “fazer a diferença”, “transformar”, “promover uma interação estudante/natureza”, “promover e discutir a diversidade”, “tornar a escola um lugar mais inclusivo e igual na medida em que se respeita e prioriza as diferenças” e “compreender as necessidades dos alunos”. Citam também a “força dos movimentos estudantis”.

Os últimos três temas tratados, que foram representação, autonomia e interesses individuais e coletivos, tinham a intenção de conduzir os participantes a reflexões sobre as práticas gremistas, já que o grêmio é uma entidade representativa dos interesses do coletivo estudantil em uma instituição pública, neste caso.

Na nota 31, o participante escreve que: “a autonomia impede que haja subjugação e dependência” (N31). Como sinônimos de subjugação temos: dominação, submissão, sujeição, contenção, repressão e controle. Se eles entendem a autonomia como oposição à subjugação e à dependência, é possível inferir que associam a palavra autonomia à liberdade, à emancipação e à independência. Para eles, representação consiste em entender e passar para frente a necessidade do todo, escutar a demanda, executar a vontade da maioria e mediar ações. Sobre

interesses individuais e coletivos, expressam que os interesses individuais interferem nos interesses do coletivo, o que gera conflitos de interesses dentro do ME.

Tendo em vista as sínteses produzidas pelos estudantes ao dialogarem com as temáticas propostas com as vivências e os saberes prévios deles, e ainda fazer relações com a sociedade e as práticas sociais, atingiu-se o objetivo buscado na roda de conversa, avaliando de forma positiva e construtiva o produto educacional.

Considerações finais

Sobre a experiência da roda de conversa, tendo em vista o referencial freiriano, refletir sobre a juventude permitiu a cada um objetivar-se perante o mundo, objetivar a juventude, em um processo de reflexão-crítica para a tomada de consciência do ser jovem. A experiência de estar em coletivo é o que marcou os relatos livres. As pessoas se sentem bem ao buscar o bem coletivo, visto que isso traz uma sensação de realização.

Os dados coletados durante a roda de conversa mostraram a necessidade da abertura de espaços de diálogo para os estudantes. Durante as entrevistas realizadas antes da realização da roda de conversa, uma reclamação redundante era a de que não havia tempo na rotina escolar, tanto no horário de aula quanto fora dele, para promoverem eventos junto aos outros estudantes. Depois da realização da roda de conversa, no questionário de avaliação coletiva feito pelos participantes, essa necessidade foi novamente apontada, uma vez que muitos estudantes reforçaram que viver a experiência da roda de conversa mostrou a importância de espaços de diálogo.

Se fazem necessários espaços de diálogo para além das pautas puramente acadêmicas conteudistas, que permitam um tempo para que seja possível a reflexão e a observação da realidade, de forma a afetar sua prática social, suas relações na escola e como isso se relaciona com a sociedade e na construção individual do sujeito. Caberia às instituições de ensino criar uma lacuna, um espaço-tempo e um espaço-lugar no ambiente pedagógico para que essas discussões ocorram de maneira autônoma para que os estudantes tenham liberdade de compartilhar vivências culturais, discutir suas pautas, aprender sobre diversidades. Espera-se provocar uma reflexão sobre como as instituições escolares poderiam dispor do tempo-espaço para os estudantes, sem interferir na autonomia do ME.

A escola tem se empenhado em buscar participar ou criar ambientes para discussão dos temas/problemas que cercam nossa sociedade? Temas como trabalho, educação, políticas

públicas etc.? A questão da falta de tempo, apontada na pesquisa como maior empecilho para participação nas atividades gremistas, não seria uma expressão precoce do problema que se seguirá por toda a vida da classe que vive do trabalho: a falta de tempo?

A roda de conversa aconteceu em dezembro de 2019. Os gremistas entrevistados encerraram suas atividades no grêmio na medida que concluíram o ensino médio em 2019. Em 2020 e 2021 vivemos um período de pandemia que nos privou do convívio escolar em virtude da necessidade do isolamento social.

Em meio ao isolamento, em 2021, duas alunas decidiram resgatar as atividades do grêmio realizando um projeto de reestruturação da entidade na escola onde o produto educacional foi aplicado. O projeto contou com a confecção de documentos que resgatam a história do ME no IFSP Sertãozinho e guias para o grêmio. Também foi solicitada a criação de um espaço no site do IFSP para a divulgação dos materiais:

Este espaço visa agrupar de forma acessível e permanente informações e documentos para ajudar e promover a atuação do movimento estudantil secundarista no Câmpus Sertãozinho do IFSP, e para além disso, compartilhar a história e memórias do movimento estudantil nacional, registrar a trajetória do ME no Câmpus Sertãozinho, fazendo assim, com que a história se mantenha viva, servindo de inspiração para todos os estudantes secundaristas (IFSP, 2023, não paginado).

A iniciativa dessas alunas preenche uma lacuna verificada durante a pesquisa realizada junto ao produto educacional, que era a falta de acesso à informação sobre o grêmio na instituição. Nas entrevistas da pesquisa, quando questionados sobre a existência de documentos, arquivos ou registros de chapas anteriores, os estudantes responderam:

A gente não recebeu nada, mas a gente também não está deixando nada, então isso vai se perpetuar até que alguém se mobilize em prol dessa causa, de deixar documentação, que eu acho importantíssimo. Porque você chega no grêmio e você não tem pauta, você não, você está avulso, você não sabe” / “Tem esse caráter mais estrutural, né, se a gente formalizar, acho que dá mais credibilidade, essa credibilidade chama mais a atenção, chama mais público, vai fomentando esse movimento até se tornar um centro acadêmico, enfim, com repercussão nacional. (REIS, 2020, p. 111).

Com o retorno das atividades escolares em 2022, é possível notar que o Movimento Estudantil voltou forte e os motivos para isso precisam ser estudados. Será que o contato com as experiências anteriores, inclusive por meio do acervo histórico, e os guias disponíveis no site tiveram contribuição relevante?

Os jovens voltaram muito unidos, solidários e engajados. É possível fazer essa inferência a partir da semana de integração, na qual os estudantes dos 2º, 3º e 4º anos do Ensino Médio receberam os novos estudantes organizando uma série de atividades coletivas, como a promoção de reuniões para discutir pautas importantes, entre elas, o novo ensino médio. Espera-se que essas práticas se perpetuem e que a gestão escolar e os estudantes caminhem juntos, buscando uma escola mais democrática, comprometida com as pautas estudantis, com o diálogo e com a educação crítica e emancipadora.

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAUJO, D. A. C. Pedagogia histórico-crítica: proposição teórico metodológica para a formação continuada. **Anais do Sciencult**, Paranaíba, v. 1, n. 1, p. 352-359, 2009. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3443/3416>. Acesso em: 6 set. 2019.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 83-106. DOI 10.22409/tn.3i3.p6122.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 40-52, dez. 2003. DOI 10.1590/S1413-24782003000300004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. DOI 10.1590/S0101-73302007000300022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2022.

FORACCHI, M. M. **A juventude e a sociedade moderna**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama de Sertãozinho**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sertaozinho/panorama>. Acesso em: 5 jun. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Movimento Estudantil**. 2021. Disponível em: <https://srt.ifsp.edu.br/movimento-estudantil>. Acesso em: 11 abr. 2023.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio e profissional**: as políticas do Estado Neoliberal. São Paulo: Cortez, 2007.

LEITE, P. S. C. Produtos educacionais em mestrados profissionais na área de ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 7., 2018, Lisboa. **Atas** [...]. Lisboa: CIAIQ. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/issue/view/24>. Acesso em: 5 maio 2022.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINS, F. A. S. **A voz do estudante na educação pública**: um estudo sobre a participação de jovens por meio do grêmio estudantil. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUDB-8CKPJT>. Acesso em: 9 abr. 2022.

MARTINS, F. A. S.; DAYRELL, J. T. Juventude e participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out-dez. 2013. DOI 10.1590/S2175-62362013000400014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/28328>. Acesso em: 1 jul. 2022.

MARTINS, J. S. Prefácio. *In*: FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: EDUSP, 2018. p. 11-13.

MENDES, F. B. “**Um grêmio estudantil mais politizado**”: formas de engajamento e construção identitária em um grêmio estudantil. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4686>. Acesso em: 8 set. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO, M. C. S. *et al.* (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: Anped. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/o-saber-de-mao-em-mao-oficina-pedagogica-como-dispositivo-para-formacao-docente-e>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. G. S. B. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos Institutos Federais**: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal: Editora IFRN, 2015. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1018>. Acesso em: 4 jun. 2022.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. **Sexo e faixa etária**. 2020. Disponível em: <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RAMOS, M. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. *In*: MOLL, J. *et al.* (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

REIS, J. F. F. S. **Expressões do movimento estudantil secundarista no ensino médio integrado no câmpus Sertãozinho do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Sertãozinho, 2020. Disponível em: <https://repo.ifsp.edu.br/handle/123456789/208;jsessionid=20247B29C9104C68B30DE3D38072125E>. Acesso em: 4 jun. 2022.

Submetido em 4 de outubro de 2022.

Aprovado em 14 de fevereiro de 2023.